

FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO CATARINENSE E AS NOVAS TECNOLOGIAS: CONTRIBUIÇÃO DA ACB E DO CRB-14

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Bacharel em Biblioteconomia – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Mestre em Sociologia Política – Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC

Professora colaboradora do Departamento de Biblioteconomia - UDESC

E-mail: correa.net@ig.com.br

Resumo

Apresenta uma rápida visão histórica da introdução de computadores e da informática nos serviços das bibliotecas, especialmente as brasileiras. Analisa a contribuição das entidades de classe ACB – Associação Catarinense de Bibliotecários e CRB-14 – Conselho Regional de Biblioteconomia – 14ª Região, na educação continuada do profissional bibliotecário no Estado de Santa Catarina, através da retrospectiva dos eventos e cursos promovidos nos últimos cinco anos (1997-2001), especialmente relacionados à questão das Novas Tecnologias e sua aplicação no dia-a-dia das funções biblioteconômicas.

Palavras-chave

Formação profissional; Educação continuada; Novas Tecnologias de Informação; Associação Catarinense de Bibliotecários; Conselho Regional de Biblioteconomia - 14ª Região.

THE LIBRARIAN'S EDUCATION IN SANTA CATARINA AND NEW TECHNOLOGIES: THE CONTRIBUTION OF ACB AND CRB-14.

Abstract

This article shows a quick historical view about the introduction of computers in library services. Also presents an analysis of the ACB – Associação Catarinense de Bibliotecários and CRB-14 – Conselho Regional de Biblioteconomia – 14th region – contribution to librarian's professional education

in Santa Catarina, showing their courses and events related to New Information Technologies applied to library services, in the last five years (1997-2001).

Keywords: *Professional Education; New Information Technologies, Associação Catarinense de Bibliotecários, Conselho Regional de Biblioteconomia – 14th region.*

1 INTRODUÇÃO

A formação de um profissional normalmente é resultado de um processo de aprendizado que, em regra geral, começa de maneira teórica e vai aos poucos somando teoria e prática, seja através dos estágios curriculares obrigatórios nos cursos de graduação, seja através de um trabalho até então exercido de maneira mais leiga do que técnica. Este processo educativo geralmente culmina com a obtenção de um grau de bacharelado ou licenciatura, o qual é coroado com a entrega de um diploma em uma solenidade de colação de grau.

A partir de então, considera-se apto para exercer determinada profissão no mercado de trabalho e na sociedade, o indivíduo que passou por todas as etapas educacionais específicas de sua área de graduação, conquistando o ‘status’ necessário para atuar dentro dela.

Até há bem pouco tempo atrás os passos acima mencionados seriam suficientes no sentido de formar um bom profissional, um profissional competente e preparado para um eficiente exercício de suas funções.

No entanto, este paradigma vem sendo revolucionado, dentre diversos fatores, pelo ritmo acelerado de transformações advindas não só das novas tecnologias que representam constantes alterações nas práticas profissionais de uma enorme gama de trabalhadores das mais diferentes áreas, mas também pelo constante fluxo de informações que se traduzem na geração de novos conhecimentos aplicáveis também às profissões.

Assim é que, ao terminar seu curso de graduação e ingressar no mercado de trabalho, o indivíduo é desafiado a participar de uma constante reciclagem e

aperfeiçoamento profissional, sob o risco de não permanecer competitivo o suficiente para manter-se atuante neste mercado¹.

Uma opção para este trabalhador reside na chamada “educação continuada”. Através da participação em eventos, cursos de curta duração, e de outros a nível de pós-graduação (como os de especialização por exemplo) o indivíduo adquire informações específicas e atualizadas dentro de uma determinada área de seu interesse, acumulando conhecimentos que lhe permitirão acompanhar mais de perto as transformações de seu campo de trabalho².

A literatura específica da área é praticamente unânime em afirmar que tanto a Biblioteconomia quanto o seu profissional estão passando por diversas transformações em suas práticas e paradigmas desde o advento da informática, e nas últimas décadas, da Internet. Muitos destes autores relacionam a criação de um novo perfil profissional ao seu processo de formação, à sua educação. Tarapanoff (1989, p. 106) afirma que *“o volume da informação e as novas tecnologias obrigam hoje o bibliotecário a repensar o seu perfil profissional e o seu papel no mercado da informação... é necessário investir em sua educação e treinamento”*.

Giannasi et al (1995, p. 173), citando Cianconi (1991), indicam a existência de um novo cenário no mercado da indústria e transferência de informação:

¹ Não se trata aqui de um comentário fatalista com relação ao fim dos empregos, como quer por exemplo Jeremy Rifkin (1995) ao afirmar que “a super-rodovia da informação eletrônica mudará os padrões de emprego...Categorias inteiras de trabalhadores minguarão e, em alguns casos, desaparecerão completamente” (p.172). A idéia trabalhada aqui leva à percepção da necessidade de um constante aperfeiçoamento e atualização, aproximando-se mais da opinião de Giannasi (1995): “É preciso ter clareza de que a rapidez das mudanças tecnológicas não permite que um curso básico de formação profissional seja o último na vida de um indivíduo, mas sim, que ele seja complementado por programas de educação contínua para atualização e especialização” (p.171).

² A educação continuada vem assumindo caráter cada vez mais emergente. Um exemplo concreto disso está na criação do IEC – Instituto de Educação Continuada (PUC Minas Gerais), que oferece cursos de especialização em diversas áreas do conhecimento.

um mercado aberto a novas atividades e carreiras diversificadas; um mercado direcionado pela aplicação de novas tecnologias; um mercado multidisciplinar; e um mercado que está sofrendo mudanças de paradigmas onde a visão holística dos fenômenos e recursos informacionais é cada vez mais enfatizada.

As autoras concluem que “*este novo cenário exige uma nova postura profissional e antes disso, para se conseguir uma nova postura é fundamental uma boa formação, voltada para o enfoque das novas tecnologias na sociedade atual.*” (idem)

Ferreira (1994, p. 263) alerta que

o veloz desenvolvimento da Internet, o aparecimento de ferramentas que permitem acessar e navegar seus recursos...são fatores que sem dúvida exigem um repensar na formação atual dos profissionais e, em particular, no cientista da informação (incluindo aqui os bibliotecários, documentalistas, arquivistas, cientistas, pesquisadores e outros).

Por entender a importância da preparação do profissional através de seus cursos universitários e a necessidade cada vez maior de uma complementação de seus estudos através da educação contínua, é que este artigo traz à tona aspectos referentes à formação do bibliotecário em Santa Catarina.

São, portanto, identificados e registrados os esforços empreendidos pelo Conselho Regional de Biblioteconomia – 14^a Região e da Associação Catarinense de Bibliotecários no sentido de oferecer subsídios para uma

atualização profissional através de cursos, e eventos (congressos, simpósios e similares) nos quais o tema Novas Tecnologias tenham sido abordados.

Os tópicos acima mencionados estruturam o assunto deste artigo em duas partes distintas que revelam o caminho percorrido pelo bibliotecário na construção de seu perfil profissional: a primeira delas enfoca questões relacionadas à história deste profissional em seu envolvimento com as chamadas Novas Tecnologias da Informação (NTIs), especificamente ligadas ao uso da informática no exercício de suas funções. A segunda refere-se às entidades de classe e sua participação na formação profissional no Estado de Santa Catarina em seu papel de provedora de oportunidades de atualização profissional nesta área.

2 AS IMPLICAÇÕES DA INFORMÁTICA

A Biblioteconomia passou a fazer uso da informática especialmente a partir dos anos 60³, quando houve razoável avanço técnico dos equipamentos, melhoria da arquitetura interna dos computadores e o desenvolvimento de linguagens de computação.

A primeira utilização dos computadores na Biblioteconomia contemplou principalmente os aspectos técnicos do tratamento da documentação. Lancaster (1994) divide o que ele chama de atividades da Biblioteconomia “afetadas pela tecnologia” em dois grandes grupos: as atividades de controle de inventário (circulação e serviços técnicos) e as de recuperação de assuntos.

Na década de 60, a Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos da América, deu início a um projeto que visava a conversão dos dados

³ Fonseca (1992) menciona este fato, salientando também que “a aplicação do processamento de dados nas bibliotecas remonta os anos de 1935 – quando foi pela primeira vez utilizado na Universidade do Texas – e 1941 – quando a Biblioteca Pública de Boston introduziu os cartões perfurados (*punched cards*) no controle de empréstimo de livros” (op.cit, p.44)

catalográficos em forma legível por máquina, criando a possibilidade de estabelecer um catálogo centralizado e registros em fita magnética, facilitando a consulta à distância. Destes estudos foram criados o MARC I e o MARC II (Machine Readable Cataloging) cuja última versão foi adotada pela ISO como padrão internacional de serviços de catalogação.

Baseado nestes sistemas, no Brasil a Fundação Getúlio Vargas criou, em 1978 o Bibliodata Calco, sistema de catalogação cooperativa no qual as bibliotecas participantes cooperam em rede, tanto incluindo dados de obras catalogadas em suas bibliotecas (através de planilhas preenchidas manualmente nas quais dados catalográficos seriam posteriormente convertidos para computador), quanto recebendo dados de obras catalogadas em outras bibliotecas.

Assim é que algumas estratégias de trabalho bibliotecário passaram gradualmente a ser desenvolvidas por computador a partir de então, o que representou uma significativa alteração não só na rotina do bibliotecário, mas também no seu perfil profissional. Além das qualidades tradicionalmente exigidas do bibliotecário, o profissional deveria agora também adquirir conhecimentos de informática, o que sem dúvida caracterizou-se como um grande desafio.

A informática na Biblioteconomia representou uma importante ruptura em seu estilo tradicional de lidar com a informação. Entre outras coisas, foi a partir dela que o trabalho solitário de catalogação passou a ser feito de forma coletiva, em rede. Inovações desta natureza levaram o profissional a repensar sua maneira de trabalhar a informação.

Trabalhar a informação, organizando-a e disponibilizando-a aos usuários tem sido o principal objetivo do bibliotecário desde os mais remotos tempos. Esta talvez seja a melhor expressão de seu *ethos*, sua essência. No entanto, as formas

de desempenhar o seu papel vem sendo alteradas periodicamente, principalmente em função do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Souza (1995, p. 13) comenta que o papel do bibliotecário não pode ser definido como algo distinto da prática social. Segundo ele, *“esse papel deverá se estabelecer como uma relação vivencial, como um vir-a-ser, algo a ser construído a partir das determinações de uma prática social historicamente localizada”*.

Desta forma, numa sociedade onde a utilização de equipamentos informatizados torna-se cada vez mais comum, é de supor-se que bibliotecas e bibliotecários construam juntamente com esta sociedade novas práticas de trabalho nas quais as ferramentas que a informática oferece possam ser utilizadas. E foi assim que os bibliotecários lidaram com a informática: em primeiro lugar, como apenas uma máquina a mais dentro da biblioteca. A utilização dos computadores dentro do ambiente da biblioteca servia como um instrumento que possibilitava ao profissional agilizar seus serviços.

No Brasil, essa utilização foi chamada de “automação”, processo que tomou impulso principalmente a partir da década de 80.

Duas avaliações importantes sobre a chamada automação de bibliotecas foram realizadas analisando as implicações da informática nas mesmas. A primeira delas, um estudo publicado por McCarthy em 1989, faz um levantamento das bibliotecas automatizadas no Brasil no início da década de 80, e apresenta os resultados da introdução da informática no trabalho bibliotecário brasileiro da época. Dentre os resultados da pesquisa, verificou-se que:

- as bibliotecas nas quais era possível encontrar um computador geralmente eram pertencentes a órgãos governamentais considerados de alta prioridade, como agricultura e energia; ou a algumas universidades federais e instituições de pesquisa, tais como as que

atuavam nos campos aeroespacial, da engenharia e de computação e, principalmente, aquelas localizadas nas regiões mais desenvolvidas do país;

- dos processos específicos do trabalho bibliotecário, o catálogo automatizado era o mais comum, encontrando-se em muito menor escala os sistemas de empréstimo (na maioria, feito através de cartões perfurados) e de aquisição.

Outro estudo também realizado por McCarthy (1995) em parceria com Schmidt, continua a analisar as mudanças nas bibliotecas brasileiras, a partir das inovações tecnológicas no início da década de 90. Algumas das constatações resultantes deste novo estudo são:

- o número de bibliotecas que utilizavam computador aumentou em 109% no período entre a 1ª e a 2ª pesquisa, o que significava um rápido e considerável desenvolvimento;
- as regiões mais desenvolvidas do Brasil continuavam a concentrar o maior número de bibliotecas automatizadas (mais da metade encontrava-se no Sudeste);
- as bibliotecas universitárias representavam 48% do total de bibliotecas informatizadas;
- a maior diferença entre as duas análises residia no fato de que, nesta, mais de 80% das bibliotecas ofereciam serviços informacionais a partir de bases de dados, a maior parte em CD-ROM e principalmente da área médica;
- a catalogação automatizada ainda disparava em primeiro lugar (quase 90% das instituições). No entanto, a maior parte dela era feita ainda individualmente e de forma independente, sendo que a catalogação em rede ainda não era muito comum (25%).

Ao comentar sobre a grande porcentagem de bibliotecas que utilizam o computador no serviço de catalogação, tanto na primeira quanto na

segunda pesquisa, McCarthy (1992, p. 14) afirma que *“isto reflete não somente o papel fundamental do catálogo dentro da biblioteca, mas também a ênfase dada a este assunto nas Escolas de Biblioteconomia no Brasil”*.

Em Santa Catarina, levantamentos que objetivaram conhecer o nível de desenvolvimento da automação em Bibliotecas foram realizados a partir da década de 90 por Romani (1990) ; Ohira (1992) e Ohira et al. (1994), sendo destacados os seguintes avanços:

- Crescimento do número de bibliotecas automatizadas e/ou em vias de automação;
- Identificação pela utilização do mesmo software visando o intercâmbio de bases de dados;
- Consciência dos profissionais envolvidos no processo de automação pela adoção de um Formato de Intercâmbio Bibliográfico e Catalográfico, visando o intercâmbio de dados em meio magnéticos;
- Equipamentos (microcomputador) e periféricos disponíveis nas Unidades de Informação;
- Necessidade das bibliotecas em participar de Redes visando o trabalho cooperativo;
- Preocupação dos profissionais da informação pelos cursos na área de Informática, visando melhor domínio das tecnologias disponíveis;
- Maior número de softwares (gerenciadores de bases dados) disponíveis no mercado
- Crescimento do número de trabalhos publicados na literatura, relatando, principalmente, quais as dificuldades e problemas encontrados no processo de automação.

Desta forma, é possível argumentar que a manutenção do ethos da Biblioteconomia passava pela sua capacidade em lidar com suas intrincadas e específicas regras de catalogação. A introdução dos

computadores na biblioteca serviu então, primeiramente, como uma ferramenta de auxílio no desempenho do trabalho de catalogação dos documentos. Embora a catalogação em rede tenha sido criada no final da década de 70, os resultados da pesquisa de McCarthy (1995) indicam que, no início da década de 90, apenas 25% das bibliotecas que já se utilizavam de computadores participavam da rede Bibliodata Calco.

Parecia ser ainda muito forte a tendência para um trabalho individual e fechado, concentrado nas técnicas bibliotecárias criadas no século XIX. Por outro lado, a criação de bases de dados aparentemente recebia atenção especial por parte de algumas bibliotecas como por exemplo a UNICAMP, USP e UNESP que, em 1994, já possuíam seu acervo disponibilizado em CD-ROM.

Estas pesquisas demonstram que o computador foi aos poucos sendo acomodado entre os demais equipamentos da biblioteca. Em muitas delas, vemos ainda hoje a utilização dos computadores apenas como um catálogo a mais, no qual o usuário pode consultar dados sobre o acervo em “átomos” que a biblioteca possui.

Por outro lado, a inserção dos computadores no ambiente da biblioteca proporcionou também o seu acesso à rede Internet e, por via de consequência, às bibliotecas virtuais e todo o intenso fluxo de informação eletrônica nelas contidas.

As bibliotecas têm, ao longo de sua história, se adaptado aos novos suportes de informação, buscando outras maneiras de organizar e distribuir o saber. Quando, então, no final do século XX surgem os textos eletrônicos, mais uma vez as bibliotecas vêm-se desafiadas a acompanhar as mudanças e proporcionar meios de trabalhar este novo tipo de informação. Como resposta a este novo quadro informacional apresentado pelas redes de computador, surgem as bibliotecas virtuais.

A virtualização do texto e a criação de bibliotecas capazes de organizá-lo são temas extremamente recentes. Por este motivo, ainda não é possível chegar a definições totalmente sólidas e estabelecidas a respeito das bibliotecas virtuais e há muita divergência inclusive na utilização de termos como “virtual” e “digital”. No entanto, pelo menos três orientações tem sido seguidas, as quais são apresentadas a seguir⁴:

- Bibliotecas digitais: este conceito refere-se às bibliotecas convencionais, alocadas em um determinado prédio que, além de já possuírem informatização de seus serviços possuem também um acervo com obras digitalizadas, acessíveis ‘online’. Estas bibliotecas podem ou não ser acessadas pela Internet. Seu acervo pode estar disponível através de *intranets*, ou seja, redes internas dentro de uma instituição.
- Bibliotecas virtuais: quando, além da informatização e digitalização do acervo, a biblioteca ainda oferece acesso a outras fontes informacionais. Este conceito traz a idéia de um “pool” de bibliotecas espalhadas em diversas localidades físicas distintas: um conjunto de bibliotecas digitais, mais obras de referência e bancos de dados de acesso ‘online’ interligados através de uma rede. Associado a este conceito, encontra-se o de “multimídia virtual”. A partir de um determinado documento recuperado na biblioteca de multimídia virtual, o usuário pode acessar outros documentos que nele estejam citados ou em notas de rodapé, ou nas referências bibliográficas. Com um “click” na tela do computador, outros textos se abrem através de pontos internos de ligação dentro dos documentos.
- Bibliotecas com realidade virtual: neste conceito, o termo “realidade virtual” assume uma conotação ainda mais recente. Aqui, a biblioteca além de possuir os requisitos acima, oferece também a simulação do ambiente da

⁴ Informação verbal coletada em palestra proferida por Silvana Vidotti.

biblioteca convencional. Através de equipamentos especiais, o usuário tem a sensação de estar dentro de uma biblioteca, caminhar dentro dela e fazer suas buscas inclusive indo até às estantes. Outro termo, *hipermídia*, tem lugar neste tipo de biblioteca. Este sistema interativo permite ao usuário reorganizar sua biblioteca virtual da maneira que melhor lhe parecer. Com a simulação do ambiente e a possibilidade de entrar nele, o usuário poderá, por exemplo, interferir na maneira como estão reunidos os documentos, agrupando-os por autor ao invés de por assuntos.

As tecnologias de multimídia e hipermídia, apesar de já serem uma realidade na área da informática, ainda não são tecnologias correntes nas bibliotecas. Destes conceitos, o mais conhecido e utilizado é o de *biblioteca virtual*, amplamente difundida pela Internet.

Estas mudanças serviram de ponto de partida para discussões polêmicas quanto ao futuro das bibliotecas convencionais. Durante algum tempo, o fantasma da substituição das bibliotecas convencionais pelas bibliotecas digitais e virtuais “assombrou” a comunidade bibliotecária. Profecias nada otimistas previam o fim não só das bibliotecas como, inclusive, o da escrita, do livro em si.

Dentre os autores que compartilham essa visão, encontra-se Nicholas Negroponte (1995). Em seu livro “A Vida Digital” o autor afirma que é só uma questão de tempo para que o livro digital substitua o livro impresso. Ele atribui como principais razões as dificuldades de transporte e controle de estoque, possibilidades de esgotamento de edições – problemas que, segundo o autor, a informática já resolveu. Aponta ainda como pontos favoráveis ao livro digital, a possibilidade de interatividade leitor/texto e a crescente evolução de aparelhos eletrônicos que possibilitem maior prazer na leitura digital.

Uma análise mais cuidadosa, porém, revela que a virtualização do texto, a informatização da comunicação em si, e os diferentes modos de armazenagem e disseminação criados pela nova situação virtual, não está conduzindo a um processo de exclusão propriamente dito. Ambas as formas de informação, assim como de armazenamento e difusão, podem e estão caminhando juntas, observando-se um interessante processo de aglutinação e não de exclusão.

Baran (1995) afirma que a biblioteca virtual pode aperfeiçoar as convencionais, e que lhe parece improvável que milhões de páginas de literatura, arte, história, etc. que foram impressas ao longo de toda história humana sejam convertidas ao formato eletrônico. O autor comenta que toda a informação eletrônica da Internet representava, quando da redação de seu livro, cerca de um terço do volume de informação impressa em uma biblioteca universitária nos Estados Unidos.

Com relação às tarefas da biblioteca virtual e sua cooperação com a biblioteca convencional, Baran (1995, p. 147) afirma:

No momento, as bibliotecas estão presas entre o passado e o futuro, fazendo a difícil transição de instituições baseadas em material impresso a repositórios computadorizados, digitalizados, tanto de informação eletrônica quanto impressa...O poder real da infovia com respeito às bibliotecas reside na capacidade de realizar buscas de material em bibliotecas ao redor do mundo.

Apesar disso, existem diferenças marcantes entre os dois tipos de bibliotecas mencionados. As bibliotecas virtuais aproveitam-se do deslocamento, ou da “compressão espaço-tempo” e percorrem infovias virtuais, buscando em todas as partes informações dos mais diversos gêneros, reunindo-as em um determinado ponto do universo virtual, disponibilizando-as através da conexão de uma rede qualquer.

Neste sentido é que as tarefas básicas das bibliotecas virtuais possuem caráter extraordinário. Rincón Ferreira (1997) enumera algumas dessas tarefas:

1. criação de um ambiente compartilhado que conecte os usuários a coleções de informação pessoal, encontradas em bibliotecas convencionais e coleções de dados usadas por cientistas;
2. desenvolvimento de interfaces de informação gerais ou especializadas relevantes aos seus usuários;
3. provisão de acesso a um grande número de fontes de informação;
4. promoção de um ambiente que permita a experimentação e incorporação de novos serviços e produtos.

Dentre as tarefas citadas por Rincón Ferreira merece destaque o papel social que as bibliotecas virtuais assumem neste contexto de criação de um ambiente compartilhado entre uma nova e distinta categoria de usuários: os da comunidade virtual.

Peter Lyman (1997) desenvolve um argumento segundo o qual as bibliotecas em geral possuem uma ligação muito estreita com o sentimento de comunidade, chegando inclusive a ser parte responsável pelo sustento deste sentimento. Assim, ele afirma que:

- as bibliotecas nacionais ajudam a definir uma cultura nacional;
- as bibliotecas públicas colaboram no sustento da sensação de identidade cívica;
- as bibliotecas escolares e universitárias ajudam a definir uma sensação de comunidade acadêmica.

Para Lyman, a comunicação virtual cria uma sensação de participação em uma comunidade que transcende o tempo e a geografia, como se estivéssemos em um “novo tipo de mundo social”, do qual a biblioteca virtual faz parte integrante, agindo como instituição mantenedora deste tipo de sentimento, assim como as demais. O autor cita como um dos objetivos da biblioteca virtual, o fato de tornar-se um lugar para compartilhamento de idéias e a base da cooperação social entre as nações.

Embora pareça exagerado afirmar que as bibliotecas virtuais sejam a **base** de uma cooperação social, não se pode negar que as mesmas têm participado ativamente desse processo virtualizado e globalizado de interação mundial e de construção das chamadas comunidades virtuais.

Partindo de toda esta trajetória histórica que vai desde as pinturas rupestres até ao quase ilimitado ciberespaço, percebe-se o homem trabalhando não só para registrar seu pensamento, mas também para conservá-lo e organizá-lo. As tecnologias por ele utilizadas para esta finalidade foram também por ele criadas e aperfeiçoadas. Isto representa uma caminhada que teve um início e ainda não chegou ao seu limite final.

Para intervir no processo de virtualização, tornando-se agente construtor deste novo modo de organizar e disseminar as informações, o bibliotecário deve ser capaz de interagir com a máquina, de falar a sua linguagem, de saber como utilizá-la e como criar a partir dela.

A adaptação aos meios informatizados consiste numa construção social e, como tal, supõe o uso de determinadas tecnologias educacionais capazes de permitir o aprendizado e treinamento adequado. Com base nessas premissas são apresentadas, a seguir, as oportunidades criadas pelos órgãos de classe em Santa Catarina, no sentido de promover a capacitação para o uso destas tecnologias pelo profissional bibliotecário.

3 A PARTICIPAÇÃO DO CRB-14 E DA ACB NA FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

A contribuição dos órgãos da categoria, em Santa Catarina, para a formação continuada do profissional bibliotecário no Estado dá-se principalmente através da promoção de eventos, nos quais temas de interesse são abordados em palestras, conferências ou mesas redondas. Com relação às

Novas Tecnologias, destaca-se nos últimos cinco anos, a promoção dos seguintes eventos:

- 16º Painel de Biblioteconomia, realizado em 1997. Nesta ocasião, foi oferecido o curso “Biblioteca Virtual: conceitos, exemplos e viabilidade”.
- 1º Ciberética – realizado em finais de 1998. Participaram deste encontro não apenas profissionais de Santa Catarina, mas também de outros estados e até outros países. Os temas apresentados que se relacionam diretamente com as tecnologias de informação foram: a) Impacto educativo da informática, onde a Internet foi discutida como provedora de recursos educativos através de ambientes de estudo, da multimídia, realidade virtual e hipermídia educativa; b) Thesaurus⁵ versus linguagem livre na era digital, sendo debatida a questão do tratamento temático de informações em sistemas ‘online’ na área jurídica; c) Ensino à Distância e a importância da Internet no processo de educação continuada e formação de pós-graduação; d) Documentos digitais com enfoque dado a aspectos jurídicos, como questões de segurança, produção de documentos, reutilização e modificação de originais e regulamentações de uso; e) Propriedade intelectual, sendo discutido os direitos autorais na Internet e enfocados os aspectos legais ligados à questão.
- 18º Painel de Biblioteconomia, realizado em 1999. Dentre as temáticas relacionadas às NTIs, foram debatidos assuntos como: a) Bibliotecas Públicas e a Rede Mundial Internet, com destaque para a relação entre a Internet, as bibliotecas e os bibliotecários em termos de categorias, endereços e serviços na rede; b) o uso da Internet na Educação com relatos de experiências em implantação de bibliotecas virtuais em escolas; c) metodologias para seleção e coleta de documentos em bases de dados, d) o comportamento das bibliotecas jurídicas em Florianópolis face à Internet.
- 19º Painel de Biblioteconomia, realizado em 2000. Mais uma vez foi dado ênfase às NTIs, nas reuniões centrais e nos fóruns que aconteceram

paralelamente ao Painel, com destaque ao I Forum Catarinense de Informação em Ciências da Saúde, cujo tema central foi “A informação em saúde X Tecnologias da Informação”, sendo oportunizado na ocasião um treinamento para acesso a Bases de Dados. Mais uma vez assuntos como Internet e novas mídias eletrônicas na educação, foram abordados em palestras e debates. Foram também discutidos assuntos como Novas Tecnologias e o futuro da biblioteca escolar, consórcio eletrônico de catalogação cooperativa e o impacto social da tecnologia na Informação Jurídica.

- 20º Painel de Biblioteconomia, realizado em 2001. Destacam-se os assuntos: a) Campo de atuação do Bibliotecário e Tecnologias de Informação e Comunicação; b) Avaliação da produção científica sobre Bibliotecas Virtuais e Digitais nos Periódicos Brasileiros; c) Modelo de Gestão da Informação digital online em bibliotecas acadêmicas e a importância da Lista de discussão como canal de comunicação de bibliotecários, d) Documentos eletrônicos, com abordagem para os aspectos jurídicos. Além de relatos de experiências com sistemas de informatização de bibliotecas (FURB e UNIVALI). Também nos Fóruns de Informação Jurídica, de Bibliotecas Escolares e Públicas a temática de algumas apresentações girou em torno do assunto aqui trabalhado, como por exemplo: A compreensão da leitura em diferentes suportes textuais (o hipertexto), medicina baseada em evidências e a Base de Dados Cochrane, O Amante Virtual e a experiência com a Biblioteca Virtual do Comitê da Qualidade Informática Jurídica.

Enquanto associação de classe, a ACB tem demonstrado sua preocupação em contribuir com a formação do bibliotecário em Santa Catarina através de cursos em diversas áreas relacionadas ao exercício da profissão. Dentre eles, destaca-se o de “Internet para Bibliotecários”

⁵ Por thesaurus entende-se um vocabulário controlado de uma determinada área do conhecimento, cujos termos que o compõe são utilizados como palavras-chaves para indexação de documentos.

ministrado em 27/28 de maio/1999 (e 26/29 julho/99, em segunda edição), que oferecia informações básicas de navegação, bem como sobre o uso de mecanismos de busca, etc⁶.

4 CONCLUSÃO

O uso de tecnologias no trabalho bibliotecário é tema constante em todos os eventos promovidos pela ACB e CRB-14. Estes eventos buscam levar ao profissional informações que contribuam para sua atualização e um compartilhamento de idéias e experiências, além de promover o tão necessário debate através de uma discussão periódica.

Por outro lado, não poderão jamais suprir completamente a necessidade de educação continuada exigida pelo mercado atual. Dependerá muito mais do esforço de cada um, do interesse em crescer enquanto profissional, de buscar maneiras novas de aprender e assim conquistar espaços cada vez maiores e melhores no seu campo de atuação.

Segundo as diretorias da ACB e CRB-14⁷, a frequência do profissional ativo no mercado de trabalho catarinense nos eventos e cursos acima mencionados, revela que este ainda não tem demonstrado interesse em dar continuidade à sua formação através dos meios oferecidos, a não ser com algumas exceções. Em geral, trata-se de uma mesma clientela já conhecida que sempre se faz presente nestes encontros. Esta minoria, segundo a opinião destes órgãos, representa uma parcela do profissional bibliotecário que tanto tem investido em seu crescimento pessoal, quanto colaborado para o crescimento da Biblioteconomia enquanto ciência e profissão.

⁶ O conteúdo deste curso está disponível na página da Internet: www.geocities.com/ublattmann/internet

⁷ Os depoimentos mencionados foram coletados em entrevista e estão em detalhes na dissertação de mestrado da autora, de onde também se origina este artigo.

Portanto, o que se conclui é que as novas tecnologias acionaram a produção e a circulação de um novo tipo de informação que requer uma nova maneira de tratamento, criando um intrigante campo de trabalho cujas oportunidades estão abertas democraticamente a todo profissional que a ele puder ou quiser integrar-se.

A Biblioteconomia em Santa Catarina, através de seus órgãos de classe, atenta para este fato e demonstra isso na promoção de debates e cursos em eventos da categoria.

No entanto, parece faltar ao bibliotecário atuante no mercado de trabalho em Santa Catarina, a ampliação de sua visão em relação às oportunidades oferecidas pela Internet, para que sua participação na rede ultrapasse a de “usuários que auxiliam outros usuários” na pesquisa de seu potencial informativo. Desta forma, uma parte desta profissão poderá estar seriamente comprometida em termos de futuro, especialmente em suas funções de mediador da informação.

Também em relação ao exercício da profissão direcionada à organização da informação, se o bibliotecário não se apressar na busca de uma interação mais ousada quanto à criação das bibliotecas virtuais, outras profissões tomarão este espaço utilizando-se (consciente ou inconscientemente) de técnicas próprias da Biblioteconomia, fechando assim o círculo de oportunidades para este profissional.

Verifica-se, então, a necessidade deste bibliotecário olhar retrospectivamente e voltar-se um pouco mais à origem, à finalidade primordial de sua formação. Se trabalhar a informação sempre foi o objetivo principal do bibliotecário, este deveria olhar para a informação virtual e para os textos que fluem no ciberespaço como seu objeto de trabalho também. O direcionamento deste olhar

poderá levá-lo a imaginar diferentes formas de utilizar seus conhecimentos na utilização das NTIs e na construção das infovias.

5 REFERÊNCIAS

BARAN, N. *Desvendando a superestrada da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

FERREIRA, S.M.S.P. Introdução às redes eletrônicas de comunicação. *Ci.Info.*, Brasília, v.23, n.2, p. 258-263, maio/ago. 1994.

FONSECA, E.N. *Introdução à Biblioteconomia*. São Paulo: Pioneira, 1992.

GIANNASI, M.J. et.al. O uso de novas tecnologias de informação nos cursos de Biblioteconomia da região sul do Brasil. *R. Bibliotecon.Brasília*, v.19, n.2, p.167-190, jul./dez. 1995

LANCASTER, F.W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de Biblioteca à luz das inovações tecnológicas. *R.Esc.Bibliotecon.UFMG*, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 7-27, jan./jun. 1994.

LYMAN, P. O projeto das comunidades virtuais. *Revista da USP*, [São Paulo], n.35, set./nov. 1997. Disponível em: <www.usp.br/geral/infousp/abertur.htm>. Acesso em: mar.1998.

MCCARTHY, C.M. Uma visão geral da automação de bibliotecas no Brasil. *Cad. Bibliotecon.*, Recife, v.11, p.7-21, dez. 1989.

MCCARTHY, C.M., SCHMIDT, S. Inovação e mudança tecnológica nas Bibliotecas brasileiras: a década de noventa. *R. Bibliotecon. de Brasília*. 1995. (mimeo).

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Cia.das Letras, 1995.

OHIRA, M.L.B. Automação em bibliotecas: utilização do MicroIsis. *C.Inf.*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 233-237, set./dez. 1992.

OHIRA, M.L.B. et al. Situação das bibliotecas da região da grande Florianópolis frente à tecnologia da informação. In: SEMINÁRIO AUTOMAÇÃO DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, São José dos Campos, 1994

RIFKIN, J. *O fim dos empregos*. São Paulo: Makron, 1995.

RINCÓN FERREIRA, J. A biblioteca digital. *Revista da USP*, [São Paulo], n.35, set./nov. 1997. Disponível em: <www.usp.br/geral/infousp/abertur.htm>. Acesso em: mar.1998

ROMANI, C.. *Cadastro das bibliotecas existentes nas instituições governamentais em Florianópolis, enfatizando os automatizados e/ou em vias de automação*. Florianópolis : UFSC, 1990 60 p. (TCC – Trabalho Conclusão de Curso) Curso de Biblioteconomia – UFSC

SOUZA, F.C. *O ensino da Biblioteconomia nova no Brasil: o marco de construção de um projeto de ensino superior*. Florianópolis: [s.n.], 1995. Edição preliminar.

TARAPANOFF, K. O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. *Ci. Inf.*, Brasília, v.12, n.2, p.103-119, jul./dez. 1989.

VIDOTTI, S.A.G. *Biblioteca virtual: conceituação e aspectos técnicos*. Palestra realizada no IV Congresso de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação em 9 nov. 1998.